

Relações entre a utilidade do conhecimento histórico e posicionamento de jovens estudantes brasileiros acerca dos governos militares:

uma análise quantitativa, a partir dos dados do “Projeto Residente”¹

Rubia Caroline Janz²

Resumo: O presente artigo traz algumas reflexões sobre qual o grau de utilidade da disciplina de História que jovens brasileiros atribuem à compreensão do presente e à sua vida prática e como essa concepção se relaciona com as representações que eles associam aos governos militares que vigoraram no Brasil entre 1964 e 1985. Essa análise foi construída a partir dos dados obtidos pelo “Projeto Residente: observatório das relações entre jovens, política e História na América Latina”, com questionários de múltipla escolha construídos majoritariamente com base na escala Likert aplicados a 3923 jovens brasileiros entre 14 e 16 anos, em coleta realizada entre maio e agosto de 2019. A tabulação de dados, bem como a construção de gráficos e tabelas se fez por meio do software SPSS. A maioria dos jovens atribuiu um caráter utilitário e exemplar do conhecimento do passado e da História para a compreensão do presente, tanto em nível coletivo, quanto da sua própria vivência particular. Esse grupo também relacionou mais a ditadura militar a representações negativas, como à tortura e assassinato de opositores bem como a não levar em conta a opinião do povo para governar. Em contrapartida, os estudantes que consideram que a História é apenas uma matéria da escola e nada mais ou algo que já morreu e nada tem a ver com a sua vida, foram também os que mais associaram representações positivas à ditadura militar, percebendo-a como um período sem corrupção, por exemplo.

Palavras-chaves: Ensino de História; Ditadura Militar; cultura histórica, dimensão cognitiva; Projeto Residente.

Resumen: Este artículo presenta algunas reflexiones sobre el grado de utilidad de la disciplina Historia que los jóvenes brasileños atribuyen a la comprensión del presente y de su vida práctica y cómo esa concepción se relaciona con las representaciones que asocian a los gobiernos militares que prevalecieron en Brasil entre 1964 y 1985. Este análisis se construyó a partir de datos obtenidos por Proyecto “Residente: observatório das relações entre jovens, política e História na América Latina”, con cuestionarios de opción múltiple construidos en su mayoría con base en la escala de Likert aplicada a 3923 jóvenes brasileños entre 14 y 16 años, en una recolección realizada entre mayo y agosto de 2019. Datos la tabulación, así como la construcción de gráficos y tablas, se hizo con el software SPSS. La mayoría de los jóvenes atribuyó un carácter utilitario y ejemplar al conocimiento del pasado y de la Historia para comprender el presente, tanto a nivel colectivo como en su propia experiencia particular. Este grupo también relacionó más la dictadura militar con representaciones negativas, como la tortura y asesinato de opositores, además de no tomar en cuenta la opinión del pueblo para

¹ Algumas das reflexões apresentadas no presente texto estão desenvolvidas, de forma mais aprofundada, na tese da autora, ainda em processo de construção, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob a orientação da Prof^a Dr^a Luciana Rossato.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestre e Licenciada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora da Educação Básica. Integra também o Grupo de Estudos em Didática da História, vinculado a Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: rubiacjanz@gmail.com

governar. Por otro lado, los estudiantes que consideran que la Historia es solo una materia escolar y nada más o algo que ya murió y no tiene nada que ver con sus vidas, también fueron quienes asociaron las representaciones más positivas con la dictadura militar, percibiéndola como un período sin corrupción, por ejemplo.

Palabras clave: enseñanza de la Historia; dictadura militar; cultura histórica, dimensión cognitiva; Proyecto Residente.

Relaciones entre la utilidad del conocimiento histórico y el posicionamiento de jóvenes estudiantes brasileños acerca de los gobiernos militares: un análisis cuantitativo, con base en datos de Proyecto Residente

Introdução

A escrita desse texto traz preocupações que são bastante caras àqueles que se debruçam aos estudos da Didática da História e do ensino e aprendizagem históricos: em que medida o ensino de História na escola tem contribuído para que nossos alunos e alunas reflitam sobre os acontecimentos da sua vida prática no presente? Como esses estudantes percebem a importância e utilidade do conhecimento histórico? E no escopo específico dessa pesquisa: a percepção da necessidade (ou não) do conhecimento histórico para a vida prática se relaciona de alguma forma com as representações que esses jovens associam à ditadura militar?

Dentro da minha vivência particular em sala de aula e, a partir da análise empírica da minha restrita realidade, o que tenho percebido e que de alguma forma me leva a hipóteses para essas questões é que, embora muitos jovens tenham assimilado o que ouviram de algum professor na escola – de História ou de formação generalista – que estudamos História para conhecer o passado e não repetir os mesmos erros no presente e no futuro, e repitam isso, de forma quase irrefletida quando questionados sobre “para que serve a História”, na prática, não é bem assim.

A infinidade de narrativas históricas – que nem sempre mantêm compromisso com a verdade a que eles têm acesso, muitas vezes colocam em xeque o saber adquirido em sala de aula, seja mediado pelos professores, seja por meio dos livros didáticos. A facilidade de encontrar informações, que não é acompanhada com a mesma intensidade de observação crítica, leva, cada dia mais, a estudantes confrontarem seus professores a partir de discursos

revisionistas e muitas vezes negacionistas³, acerca de temas que ainda não foram bem sedimentados na memória coletiva dos brasileiros. Caso da ditadura militar.

É bastante preocupante que não tenhamos no Brasil políticas públicas eficazes de rechaço às condutas criminosas e de desrespeito aos direitos humanos cometidas pelo Estado brasileiro enquanto duraram os governos militares. A ausência de um esforço coletivo dentro da perspectiva do “lembrar para não esquecer, lembrar para não repetir”, permite que nossos jovens, ainda que tenham nascido já dentro de uma democracia consolidada, continuem a repetir discursos propagandísticos que caracterizaram os anos de ditadura, como os de que não havia corrupção durante esses governos ou de que foram anos de maior segurança pública.

A História ensinada nas escolas, embora faça seu papel nesse sentido, parece estar sendo pouco enquanto contradiscurso ou pouco convincente nesse trabalho árduo de desconstrução de memórias repetidas em outros espaços de circulação do conhecimento histórico. Corrobora essa tese a presença de muitos jovens participando e/ou apoiando a tentativa de golpe de Estado, no dia 08 de janeiro, que buscava derrubar um presidente eleito democraticamente, contando para isso, com a intervenção das Forças Armadas. Quase que num *deja-vú* de 1964.

Nessa ocasião, a democracia venceu. Mas quantas vezes mais, vencerá? Qual o papel a História ensinada e dos nossos jovens na preservação da democracia? É sobre isso que versa esse texto.

1. Projeto Residente: apresentação e considerações metodológicas

Os dados analisados nesse artigo fazem parte de um conjunto maior coletado pelo projeto Residente: observatório das relações entre jovens, política e História na América Latina (2019). Em continuidade ao projeto “Os jovens e a História no Mercosul⁴” e sob a coordenação do professor Luis Fernando Cerri, tal iniciativa se estrutura em torno do Grupo de Estudos em Didática da História (GEDHI)⁵, da Universidade Estadual de Ponta Grossa

³ O artigo “Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos”, de Arthur Lima de Ávila, disponível em <<https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>> traz uma discussão interessante sobre o que caracteriza o revisionismo histórico, como essas visões “alternativas” são construídas e pouco levam ao negacionismo do passado e qual o papel do historiador e da história acadêmica diante dessa realidade.

⁴ Informações mais detalhadas sobre a concepção do projeto e seus objetivos podem ser encontradas em: Cerri e Amézola (2007) e Barom (2017).

⁵ Além das pesquisas desenvolvidas a partir dos dados dos projetos Os Jovens e a História e Residente, o grupo é um espaço acadêmico de pesquisa, reflexão e discussão de temas voltados ao ensino e aprendizagem históricos,

(UEPG) e seu principal objetivo é produzir um levantamento atual acerca da aprendizagem histórica e sua relação com conceitos como consciência histórica, cultura histórica e cultura política.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário – aplicado de forma online em escolas que possuíam aparato tecnológico para isso, por meio da plataforma *Google forms*⁶, ou através de preenchimento em papel, onde não havia acesso à internet ou salas de informática disponíveis e aconteceu entre os meses de maio e agosto de 2019, contando com o envolvimento de 6.420 estudantes de sete países: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, Peru, Colômbia e México. O tempo disponibilizado para responder às questões foi de 50 a 100 minutos, ou seja, entre uma e duas horas-aulas.

Nesse texto nos debruçaremos apenas sobre os dados dos respondentes brasileiros que somam um montante de 3923 estudantes, que estavam cursando o primeiro ou o segundo anos do Ensino Médio, e que tinha idade entre 14 e 16 anos. Nas cidades em que houve a coleta de dados, fizeram parte da pesquisa estudantes de, pelo menos uma escola pública – que não fosse de excelência ou que exigisse teste de admissão para o Ensino Médio e uma escola privada. Em nem todas as cidades foi possível cumprir com essa determinação, especialmente porque o acesso às instituições particulares é bastante restrito, de modo geral. Dessa forma, pouco mais de 78% dos questionários fossem respondidos por estudantes de escolas públicas.

O instrumento de coleta de dados foi composto por 35 questões relacionadas ao grau de conhecimento e interesse sobre várias temáticas históricas, à confiabilidade de informações em diferentes espaços de circulação do conhecimento histórico, ao que - na percepção dos estudantes - acontece em suas aulas de História, ao seu posicionamento frente a questões polêmicas, envolvendo política, economia e vida social, entre outros.

A organização das questões se deu, em sua maioria, a partir da escala Likert de cinco pontos: diante de uma afirmação os respondentes deveriam apontar seu grau de concordância, escolhendo entre opções que variavam de “discordo totalmente” a “concordo totalmente” ou “nenhuma importância” a “total importância”, por exemplo. Para realizar a análise, a cada um dos itens possíveis de resposta foi atribuído um valor numérico, que se iniciava com -2

nas suas mais variadas instâncias, que vão desde a educação formal, nos três níveis da Educação Básica e no Ensino Superior, como também em outros espaços de circulação do conhecimento histórico, que correspondem à educação não formal. Para mais informações sobre o grupo consultar o site <<https://www2.uepg.br/gedhi/>> Acesso em: 18 ago.2020.

⁶ Segundo Hetito Bijora (2018, s/p), “o Google Forms é um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções”.

para a resposta mais negativa, 2 para a resposta mais positiva e 0 para a resposta neutra. Os resultados apresentados nesse texto foram obtidos por meio das médias calculadas a partir desses valores numéricos.

Nesse artigo, o tratamento dos dados e a elaboração de gráficos e tabelas, bem como as correlações matematicamente estabelecidas, foram feitos a partir da utilização do software estatístico SPSS⁷ e as questões do instrumento de coleta de dados discutidas foram a 32: “Os governos militares em nosso país podem ser ligados à” e a 1: “O que a História significa para você?”.

2. A dimensão cognitiva da cultura histórica

A escola não é o único espaço em que se aprende História ou onde se conhecem narrativas históricas. No atual contexto de sociedade da informação, o “saber” se apresenta nas mais diversas estéticas, nem sempre assumindo um compromisso com a ciência e com a verdade. Porém, a escola ainda permanece, se não como campo privilegiado de acesso ao conhecimento, como o local para onde os estudantes são encaminhados com o intuito de aprender o conhecimento acadêmico. Essa é a principal função da escola: local de ensinar e aprender.

Em se tratando especificamente do conhecimento histórico, Rüsen (1994, 2015) explica que ele tem sentido quando serve para ajudar as pessoas a sanarem carências de orientações temporais. À capacidade de usar o conhecimento do passado para se situar no presente e orientar as suas decisões, bem como fazer projeções para o futuro, o teórico dá o nome de consciência histórica.

Nessa dinâmica, é preciso compreender que as carências de orientações temporais são sempre reflexos dos dilemas encontrados na vida prática, no tempo presente. Barom (2017, p. 163) explica que

a teoria de Rüsen busca integrar as duas dimensões existentes no ofício do historiador: a da “ciência especializada” e a da “vida prática”. Como inseparáveis e não estáticas, essas dimensões não se estancariam em ambientes díspares, compondo um único sistema dinâmico no qual o conhecimento produzido retorna ao meio social onde foi produzido, como orientação para a vida prática. Ou seja, a Teoria da História parte da reflexão do trabalho prático do historiador, baseia-se nele e possui para ele significado.

⁷ Esse software permite o cruzamento de dados, tornando viável a utilização da estatística descritiva no processo de produção do conhecimento. Sobre como utilizar o SPSS em pesquisas na área de humanas ver Barom (2019).

Da mesma forma, entende-se aqui, que o conhecimento histórico adquirido na escola – ou a partir de outros espaços de circulação de narrativas históricas foi mobilizado, por meio da consciência histórica, para que os estudantes conseguissem posicionar-se frente ao problema que tinham em suas mãos, que no caso desse ensaio, refere-se àquele colocado pela questão 32.

Nesse sentido, nesse texto, apresentarei algumas correlações entre a questão em destaque acima e a questão 1, que ajuda a perceber possíveis impactos da educação histórica escolar no posicionamento dos estudantes frente aos governos militares, a partir da dimensão cognitiva da cultura histórica.

Cultura histórica é o suprassumo dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana. Ela abrange as práticas culturais de orientação do sofrer e do agir humanos no tempo. A cultura histórica situa os homens nas mudanças temporais nas quais têm de sofrer e agir, mudanças que — por sua vez — são (co)determinadas e efetivadas pelo próprio agir e sofrer humanos. A cultura histórica é capaz de orientar quando viabiliza que as experiências com o passado humano sejam interpretadas de modo que se possa, por meio delas, entender as circunstâncias da vida atual e, com base nelas, elaborar perspectivas de futuro. (RÜSEN, 2015, p. 217)

Ou seja, cultura histórica é um grande guarda-chuva que abarca as mais diversas formas de apresentação e circulação do conhecimento histórico na sociedade. Nesse sentido, Rüsen (2015, p.167) destaca que ela é composta por, pelo menos, seis dimensões: cognitiva, política, estética, religiosa, moral, visão de mundo.

A dimensão cognitiva – que nos interessa nessa análise - refere-se especialmente a historiografia especializada, àquela que tem compromisso com a verdade. Ou, seja, ela se pauta na capacidade de conhecer o passado humano, estabelecendo sentenças sobre ela, baseando-se no teor teórico, empírico e normativo. “Trata-se do princípio de coerência de conteúdo, que se refere a confiabilidade da experiência histórica e ao alcance das normas que se utilizam para a sua interpretação” (RÜSEN, 1994, p. 20 – tradução nossa)⁸. Incluem-se nessa dimensão não só o saber histórico produzido na academia, mas também aquele que é resultado da mediação didática, e aparece nos livros didáticos e nas narrativas dos professores de História, em salas de aula da educação básica.

3. A que os jovens brasileiros relacionam os governos militares?

⁸ Citação original: “Se trata del principio de coherencia de contenido, que se refiere a la fiabilidad de la experiencia histórica y al alcance de las normas que se utilizan para su interpretación.”

Os resultados da primeira coleta de dados do Projeto “Os jovens e a História”, de aproximadamente dez anos atrás, mesmo em um contexto muito mais favorável à disseminação de ideais democráticos e do fortalecimento do Estado democrático de direitos, se comparado ao cenário atual⁹, já apontava que os participantes da pesquisa aqui no Brasil, associavam mais os governos militares a representações positivas do que a aspectos negativos (AMÉZOLA, 2015). Na última coleta, os dados não foram menos incômodos, conforme podemos observar no gráfico abaixo.

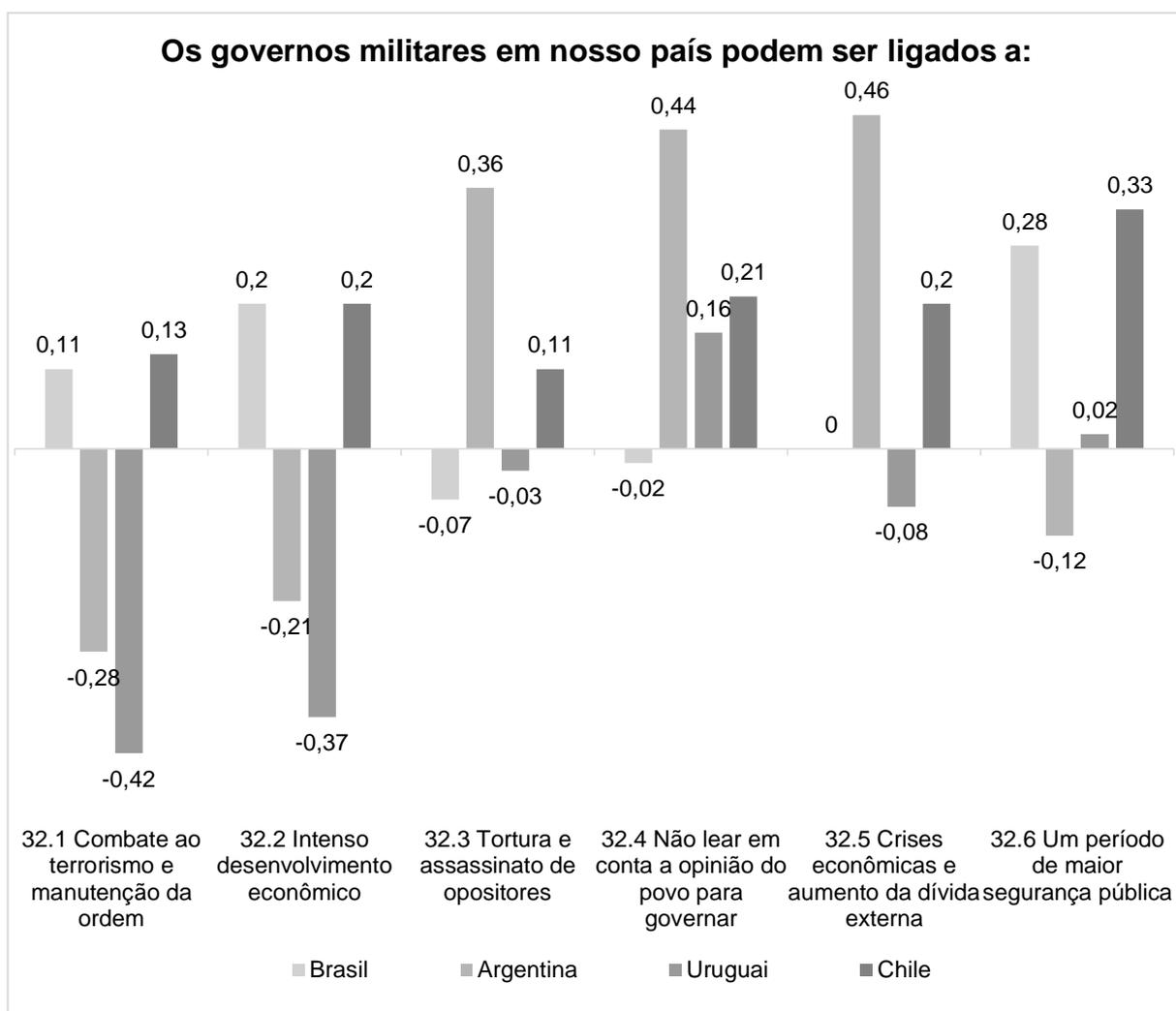


Gráfico 1: Médias referentes às respostas para a questão 32 do instrumento de coleta de dados.

Fonte: Dados do Projeto Residente (2019), organizados pela autora.

⁹ A coleta do projeto “Os jovens e a História no Mercosul foi realizada entre agosto de 2012 e maio de 2013, totalizando 3794 estudantes brasileiros, argentinos, uruguaios e chilenos. Posteriormente, foram acrescentados a esses números 119 questionários referentes ao Paraguai, que foram coletados em 2014.

Importante ressaltar que o posicionamento demonstrado pelos alunos não é resultado de respostas aleatórias, dadas pelos estudantes sem reflexão, como quem marca qualquer alternativa para encerrar logo um trabalho e se livrar dele. Isso fica claro quando observamos as correlações que se estabelecem na tabela abaixo. Para chegar aos resultados aqui demonstrados, foi utilizada, a partir do software SPSS, a correlação¹⁰ de Spearman. Com base nela, quanto mais forte for a correlação, mais próximo de 1 ela está. Na tabela, as correlações mais marcantes aparecem em destaque.

Correlações							
	32.1 Combate ao terrorismo para manutenç ão da ordem	32.2 Intenso desenvolv imento econômico	32.3 Tortura e assassin ato de opositor es	32.4 Não levar em conta a opinião do povo para governar	32.5 Crises econômicas e aumento da dívida externa	32.6 Um período de maior seguran ça pública	32.7 Um período sem corrupçã o na política e no governo
32.1 Combate ao terrorismo para manutenção da ordem	1,000	,469**	,003	-,128**	,026	,393**	,305**
	.	,000	,837	,000	,125	,000	,000
	3551	3511	3506	3505	3483	3470	3461
32.2 Intenso desenvolvimento econômico	,469**	1,000	-,004	-,067**	,049**	,424**	,356**
	,000	.	,807	,000	,004	,000	,000
	3511	3531	3495	3496	3476	3461	3452
32.3 Tortura e assassinato de opositores	,003	-,004	1,000	,565**	,395**	-,108**	-,092**
	,837	,807	.	,000	,000	,000	,000
	3506	3495	3531	3498	3470	3462	3451
32.4 Não levar em conta a opinião do povo para governar	-,128**	-,067**	,565**	1,000	,397**	-,190**	-,163**
	,000	,000	,000	.	,000	,000	,000
	3505	3496	3498	3534	3480	3468	3461
32.5 Crises econômicas e aumento da dívida externa	,026	,049**	,395**	,397**	1,000	,008	-,038*
	,125	,004	,000	,000	.	,650	,024
	3483	3476	3470	3480	3514	3469	3462
32.6 Um período de maior segurança pública	,393**	,424**	-,108**	-,190**	,008	1,000	,558**
	,000	,000	,000	,000	,650	.	,000
	3470	3461	3462	3468	3469	3509	3460
32.7 Um período sem corrupção na política e no governo	,305**	,356**	-,092**	-,163**	-,038*	,558**	1,000
	,000	,000	,000	,000	,024	,000	.
	3461	3452	3451	3461	3462	3460	3492

Tabela 1: Correlações estabelecidas entre as respostas para a questão 32 do instrumento de coleta de dados.

Fonte: Dados do Projeto Residente (2019), organizados pela autora.

¹⁰ Coeficientes de correlação são métodos estatísticos utilizados para estabelecer relações entre duas ou mais variáveis. Com eles é possível perceber e identificar como uma variável se comporta num cenário de variação de outra, sendo possível estabelecer se há ou não relação entre elas. Além disso, por meio é possível quantificar essas relações. Mais informações sobre coeficientes de correlação podem ser encontradas em: <<https://operdata.com.br/blog/coeficientes-de-correlacao/>>

Por meio das correlações estabelecidas entre as respostas dos estudantes nas alternativas da questão 32, é possível perceber relações fortes entre as marcações que reconhecem de forma mais intensa características positivas dos governos militares. O mesmo acontece com aqueles que concordaram mais com as afirmações negativas referentes à ditadura.

Dito de outra forma, alunas e alunos que concordaram mais que os governos militares se caracterizaram pelo “combate ao terrorismo para a manutenção à ordem”, foram também aqueles que tiveram maior índice de concordância com as afirmações que diziam que tal período foi marcado pelo “intenso desenvolvimento econômico”, por “maior segurança pública” e não tiveram “corrupção na política e no governo”. Em paralelo, aqueles que concordaram mais que a ditadura militar no Brasil pode ser associada a “tortura e assassinato de opositores”, foram também os que mais concordaram que esses governos não levavam “em conta a opinião do povo para governar” além de se caracterizarem por “crises econômicas e aumento da dívida externa”. Tais correlações deixam claro, portanto, que há coerência nas respostas dos jovens participantes da pesquisa, aferindo confiabilidade e credibilidade ao instrumento de coleta de dados e à fonte.

3. Sobre o que a História significa para os estudantes

<p>1. O QUE SIGNIFICA A HISTÓRIA PARA VOCÊ?</p> <p>a. Uma matéria da escola e nada mais</p> <p>b. Uma fonte de coisas interessantes que estimula minha imaginação</p> <p>c. Uma possibilidade para aprender com os erros e acertos dos outros</p> <p>d. Algo que já morreu e passou e que não tem nada a ver com a minha vida</p> <p>e. Um número de exemplos que ensinam o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau</p> <p>f. Mostra o que está por trás da maneira de viver no presente e explica os problemas atuais</p> <p>g. Um amontoado de crueldades e desgraças</p> <p>h. Uma forma de entender a minha vida como parte das mudanças na história</p>

Figura 1: Questão 1 do instrumento de coleta de dados e alternativas. **Fonte:** Projeto Residente (2019).

Quando nos preocupamos em identificar quanto e de que forma a dimensão cognitiva da cultura histórica influencia nas associações que os jovens estabelecem com conteúdos e temas relacionados à história recente de seus países, em primeiro lugar, faz-se necessário identificar que tipos de relações eles criam com a ciência histórica, em si. É com essa intenção que trazemos os dados referentes à questão “O que significa a história para você?”.

De modo geral, os estudantes demonstraram um alto grau de discordância com as alternativas que traziam afirmações em referência à utilidade da História. Por exemplo, na alternativa C, 58.2% dos respondentes concordaram em algum grau enquanto apenas 16.4%

discordaram em alguma medida. Seguindo a mesma lógica, nas alternativas F e H, a diferença entre os que concordaram e os que discordaram em alguma medida foi ainda maior. Na primeira foram 70.5% os que concordaram e na segunda o índice de concordância foi de 71.1%.

Em contrapartida, a maior parte dos alunos se mostrou contrária às alternativas que relacionavam a disciplina de História com algo sem nenhuma utilidade para a vida prática. Apenas 7,8% dos respondentes concordaram em alguma medida que a História é apenas “uma matéria da escola e nada mais”. No mesmo sentido, 76,8 % dos participantes discordaram que a disciplina trata de “algo que já morreu e passou e que não tem nada a ver com a sua vida”.

Tendo em vista que nosso objetivo com essa questão é perceber que valores os estudantes estão atribuindo à disciplina de História, numa tentativa de identificar de que forma eles estão [ou imaginam que estão] mobilizando os conteúdos históricos a que têm acesso, para atribuir significado às questões da sua vida prática. Nesse sentido, os números demonstram que:

a) de modo geral, nossos estudantes tendem a rechaçar uma perspectiva de História que não estabeleça relações com o presente e/ou com sua própria vida.

b) o contrário também pode ser verificado. Majoritariamente, os alunos e alunas concordaram mais com afirmativas que traziam uma visão mais utilitária da aprendizagem histórica, de modo que poderíamos diagnosticar que eles percebem a importância do conhecimento do passado na elaboração e compreensão do presente, tanto numa perspectiva mais ampla, quanto dentro da sua própria individualidade.

c) apesar da percepção pragmática da História, o passado não chega a ser percebido como um modelo ou exemplo a ser seguido. A afirmativa que trazia essa dimensão teve um índice alto de escolhas neutras – nem discordo, nem concordo. Na afirmativa “Um número de exemplos que ensinam o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau”, a opção neutra foi a mais escolhida, apresentando um percentual de 38.5%, contra 28.5% que discordaram e 33% que concordaram em alguma medida.

4. Relacionando os dados

Usando novamente a correlação de Spearman, tentamos descobrir se existem relações fortes e significativas entre as representações que os respondentes associam aos governos militares e a utilidade que eles atribuem à História. As observações possíveis, dentro dessa

breve análise não oferecem resultados muito conclusivos que nos permitam fazer muitas associações e generalizações.

Foi possível estabelecer relações significativas entre quem considera que a História é uma possibilidade de aprender com os erros e acertos dos outros com associações negativas aos governos militares, a saber “tortura e assassinato de opositores”, “não levar em conta a opinião do povo para governar” e “crises econômicas e aumento da dívida externa”. Entre os que mais concordam com essa acepção de História, houve uma correlação negativa, ou seja, de discordância com a ideia de que os governos militares foram um período sem corrupção na política e no governo. Todavia, houve também uma associação forte com o que parece ser uma memória coletiva a respeito do golpe de 1964 e da ditadura como um todo: “combate ao terrorismo e manutenção da ordem”.

Entre aqueles que acham que a História é algo que já morreu e que não tem nada a ver com sua vida, existem correlações mais convincentes. Esses associaram mais a ditadura a aspectos positivos como a ausência de corrupção na política no governo e maior segurança pública, ao mesmo tempo em que discordaram mais que foi um período de crise e aumento da dívida externa e de tortura e assassinato.

Por fim, aqueles que mais concordam que a História mostra o que está por trás da maneira de viver no presente e explica os problemas atuais também associaram mais os governos militares a aspectos negativos, como tortura e assassinato de opositores, não levar a opinião do povo para governar e crises econômicas e aumento da dívida externa.

	32.1 Combate ao terrorismo para manutenção da ordem	32.2 Intenso desenvolvi mento econômico	32.3 Tortura e assassinato de opositores	32.4 Não levar em conta a opinião do povo para governar	32.5 Crises econômicas e aumento da dívida externa	32.6 Um período de maior segurança pública	32.7 Um período sem corrupção na política e no governo
3.1 Uma matéria da escola e nada mais.	,001	,019	-,027	-,006	-,027	,020	,085*
	,970	,276	,114	,744	,112	,231	,000
	3484	3471	3473	3470	3456	3451	3436
3.2 Uma fonte de coisas interessantes que estimula minha imaginação.	,047**	,049**	,012	,023	,065**	,047**	-,005
	,006	,004	,476	,184	,000	,006	,757
	3490	3476	3473	3475	3457	3454	3438

3.3 Uma possibilidade para aprender com os erros e acertos dos outros	,071**	,006	,081**	,066**	,079**	-,012	-,094**
	,000	,712	,000	,000	,000	,487	,000
	3482	3467	3467	3468	3452	3444	3432
3.4 Algo que já morreu e passou e que não tem nada a ver com a minha vida.	,000	,030	-,057**	-,040*	-,061**	,048**	,137**
	,980	,080	,001	,018	,000	,004	,000
	3481	3466	3469	3467	3452	3444	3434
3.5 Um número de exemplos que ensinam o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau.	,039*	,041*	-,001	,017	,008	,038*	,046**
	,022	,015	,958	,306	,626	,026	,007
	3481	3466	3467	3468	3454	3442	3433
3.6 Mostra o que está por trás da maneira de viver no presente e explica os problemas atuais.	,026	,005	,064**	,049**	,099**	,005	-,034*
	,122	,752	,000	,004	,000	,750	,045
	3489	3474	3476	3477	3461	3453	3442
3.7 Um amontoado de crueldades e desgraças.	,028	-,015	,029	,032	,027	,012	,061**
	,095	,365	,087	,060	,115	,481	,000
	3473	3459	3460	3460	3443	3434	3426
3.8 Uma forma de entender a minha vida como parte das mudanças que se produzem com a passagem do tempo	,032	,027	,050**	,047**	,068**	,006	-,038*
	,055	,117	,003	,006	,000	,709	,026
	3496	3477	3478	3479	3464	3458	3446

Tabela 2: Correlações estabelecidas entre as respostas para as questões 32 e 1 do instrumento de coleta de dados.
Fonte: Dados do Projeto Residente (2019), organizados pela autora.

5. Considerações finais

É importante ressaltar que o fato de os alunos identificarem a dimensão cognitiva da cultura histórica, nesse caso específico a disciplina escolar História, como fator importante na sua organização e orientação no tempo, o que ficou claro no item 3 desse trabalho, não significa que necessariamente eles mobilizem esse conhecimento com esses objetivos na vida

prática. O saber escolar está o tempo todo se inter-relacionando com outras narrativas que também são mobilizadas nas atividades da consciência histórica.

Outro ponto que merece destaque aqui é que nem sempre o ensino de História nas escolas está de acordo com o que há de mais atualizado na academia. Aliás, a nossa realidade demonstra um afastamento bastante grande do saber acadêmico em relação ao saber escolar. Professores formados há muito tempo, sem uma formação continuada adequada tendem a repetir narrativas tais quais eles aprenderam, muitos tendo se formado ainda sobre a égide da ditadura militar. O clima de denunciamento que tomou conta das escolas nos últimos anos, com a chamada “Escola sem Partido” certamente contribuiu também para que professores, mesmo que atualizados, tendessem a evitar temáticas que pudessem ser mal interpretadas, seja por falta de conhecimento ou por má fé, a exemplo das torturas e assassinatos que sabidamente ocorreram durante a ditadura militar, apenas para fugir de problemas com pais raivosos, questionando a defesa de “ideologias de esquerda” em sala de aula.

Todavia, com base nos dados aqui apresentados, é possível afirmar que, dentro dessa amostra, estudantes que atribuem maior importância para a História na compreensão do tempo presente – independentemente de a que tipo de narrativas históricas escolares eles tiveram acesso, são também os que mais relacionam a ditadura militar a representações negativas. Nesse sentido, poderíamos supor que esses alunos e alunas, por entenderem que a compreensão do presente depende do conhecimento do passado, dedicam mais tempo e interesse ao estudo da História, em especial, a história recente do seu país. O maior interesse e tempo de estudo serviriam de bagagem teórica no combate a narrativas revisionistas e negativistas acerca de temáticas polêmicas, pelo menos em senso comum, caso da ditadura militar no Brasil.

Em contrapartida, os que aferem pouco sentido e significado para a disciplina de História na sua vida prática – e que, por consequência, supomos, dão menos importância ao seu estudo disciplina – associam mais os regimes militares a características positivas. Nesse caso, a falta de conhecimento histórico os faria aceitar de forma mais acrítica outras narrativas relacionadas ao passado, para além da dimensão cognitiva da cultura histórica.

Ainda que saibamos que essa responsabilidade não cabe apenas à escola ou aos professores, entendendo que a manutenção da democracia depende em parte do rechaço de práticas autoritárias e que firmam os direitos humanos, bem como de governos que promovam tais condutas, é urgente que também nesses espaços encontremos brechas no ensino de

História recente, que possibilitem levar esses estudantes a refletir sobre os crimes de Estado cometidos entre 1964 e 1985. É mister que eles observem que ditaduras devem ser percebidas como o são: governos que atendem aos interesses de poucos e que para manter-se no poder, utilizam-se de práticas lascivas à soberania do povo e à dignidade humana e que tais meios devem ser lembrados, sem nenhuma relativização ou justificativa, para que jamais se repitam.

Nesse sentido, uma alternativa seria entender de forma mais clara esses jovens a partir das suas própria vivências, dinâmicas e preferências. Ao olharmos para a adolescência / juventude, a partir da perspectiva daquele que a está vivenciando, compreendendo-a como um período conturbado em que se busca reconhecer-se no mundo enquanto indivíduo, ao mesmo tempo em que se procura fazer parte de um grupo, socializar-se e construir identidades coletivas com base em interesses comuns, entende-se de modo mais claro porque esses jovens interessam-se mais por outros espaços de circulação do conhecimento do que pelas salas de aula tradicionais.

Os games, os canais de Youtube e outras redes sociais entre outras formas de entretenimento que também fazem circular conhecimento histórico, ainda que não tenham compromisso com o método histórico ou com narrativas históricas apoiadas em fontes e documentos, tornam-se espaços de interação. Na contramão, os livros didáticos são passivos, já que não se pode estabelecer com eles um diálogo real, da mesma forma que ocorre em muitas sala de aula por aí.

É preciso levar em conta que as pessoas, em especial essa juventude hiperestimulada, se interessam por algo a partir de estímulos cognitivos diferentes. Nessa perspectiva, é preciso pensar a sala de aula como um espaço em que se façam presentes diferentes linguagens: som, imagem, leitura, movimento, etc. Talvez o maior desafio que encontramos hoje, não só dentro do ensino da história recente é, justamente, falar a mesma língua daqueles que a frequentam os bancos escolares.

Talvez quando encontrarmos esse equilíbrio entre o que desejamos ensinar e aquilo que nossos jovens querem aprender, consigamos sensibilizá-los de forma mais eficaz acerca de questões tão básicas e essenciais, como a valoração dos direitos humanos e da democracia.

Referências

AMÉZOLA, Gonzalo de. Una educación por el repudio. La formación ciudadana con el ejemplo de la dictadura militar 1976-1983 en escuelas secundarias de Argentina. **Clio: History and History Teaching**, Espanha, n. 41, s/p, 2015. Disponível em: < <http://clio.rediris.es/n41/articulos/mono/MonAmezola2015.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2022.

ÁVILA, A. L. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos. **Café História**. 29 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>> Acesso em 28 dez 2022.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. *Integração Latino-americana e consciência histórica: noção de pertencimento latino-americano de jovens brasileiros no ano de 2013*. 2017b. 254p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: < <http://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1237/1/WILIAN%20CARLOS%20CIPRIANI%20BAROM.pdf> > Acesso em: 23 jan 2023.

_____. W. C. C. Pesquisas na área do Ensino de História e o software IBM SPSS Statistics. **História & Ensino**. Londrina, PR, v. 25, n. 02, p.239-268, jul./dez. 2019.

BIJORA, Helito. Google Forms: o que é e como usar o app de formulários online. **TechTudo: Utilitários**, Brasil, 22 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/07/google-forms-o-que-e-e-como-usar-o-app-de-formularios-online.ghtml>> Acesso em: 10 jul. 2023.

CERRI, Luis Fernando; AMÉZOLA, Gonzalo de. Los jóvenes brasileños y argentinos frente a la Historia. Una investigación intercultural sobre la enseñanza y el aprendizaje de la Historia. **Revista de Teoría y Didáctica de las Ciencias Sociales**. Colômbia, n.12, p.31-50, 2007. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=65201202>> Acesso em: 23 jan 2023.

GRUPO de Estudos em Didática da História. Disponível em: < <https://www2.uepg.br/gedhi/>> Acesso em: 17ago. 2020

RÜSEN, Jörn. *“Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. Tradução de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher, 1994.

_____. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

Enviado: 12 de fevereiro de 2023

Aprovado: 17 de setembro de 2023